

PARADISE

A primeira vez em que ouvi falar de São Sebastião do Paraíso, cidade mineira vizinha a Franca bem próxima à divisa com o estado de São Paulo foi quando conheci o Mauro Memic em 1968, fazia o segundo ano do curso científico no IETC. O xará veio fazer o curso em Franca na minha classe e nos tornamos amigos. Depois rumou para Belzonte, onde cursou medicina e por lá ficou. A distância de quase 70 km, naquela época, parecia uma enormidade, pois todo o trecho mineiro e até Itirapuã já em terras paulistas era em terra, cheia de perigosas curvas, lama e buracos, somente o restante era pavimentado em pista simples. O ônibus ia parando nas fazendas, levava umas três horas entre as duas cidades.

Anos depois, quando comecei a lecionar em Passos, Paraíso virou Paradise, o jeito com que meus muitos alunos de lá a tratavam. Mesmo assim, não tinha contato com a cidade, apenas ouvia histórias. Somente nos anos 2000 passei a visitá-la com frequência, pois a Universidade foi contratada para elaborar os Planos Diretores de vários municípios da região e um deles era Paradise. Embora a equipe que tocasse o Plano de Paraíso fosse outra, comecei a visitar a cidade para reuniões e outras atividades que desembocaram em novas parcerias através da empresa Interação Urbana - IU, que tem como um dos sócios um ex-prefeito da cidade também xará, Mauro Zanin.

Essa parceria com a IU me levou a visitar várias vezes a cidade para reuniões de trabalho e pude conhecê-la um pouco mais. São Sebastião do Paraíso hoje tem 72 mil habitantes e uma forte agricultura cafeeira, base da economia local.

No passado, ao final do século XIX, a cidade recebeu centenas de imigrantes italianos que vieram trabalhar na sua agricultura, logo após a chegada da ferrovia. Na verdade, a cidade teve duas linhas férreas (São Paulo-Minas e Mogiana), depois unificadas pela FEPASA e atualmente desativadas. O único distrito, o de Gardinha, onde havia uma estação ferroviária, resiste ao tempo, bem próximo a SP e ao morro da Mesa, onde muitos aguardam a descida dos discos voadores.

No início deste ano, participei de um encontro da IU em Paradise. Pude caminhar pelas ruas e verificar a tranquilidade de uma cidade mineira do interior, apesar da dificuldade das calçadas íngremes ou inexistentes. A antiga estação da estrada de ferro foi transformada em centro cultural após uma luta intensa dos moradores para impedir sua demolição, lembro que a hoje professora da USP-Ribeirão Preto Cintia Carneiro era uma delas. Defronte a velha estação, aos sábados, existe uma feira livre bem agitada. A fábrica de laticínios Aviação, com mais de cem anos de existência, mantém um belo edifício no centro da cidade com show-room de seus produtos de alta qualidade, desde a manteiga passando pelo tradicional doce de leite.

O casco histórico conserva, em seu ecletismo, construções de vários períodos, desde o início do século XX, passando pelo modernismo e pelas construções atuais mais disparatadas. A estrutura da antiga estação rodoviária resiste com outro uso, ao lado de agências bancárias de aço e vidro. A igreja matriz e sua torre ainda dão o tom no centro, embora existam estruturas de grandes edifícios abandonados sem serem concluídos há anos.

A expansão da cidade em direção a novos territórios tomados ao campo nos últimos anos, além de uma periferia mais pobre de grandes conjuntos habitacionais com casas térreas, também gerou novos espaços de qualidade e infraestrutura para os setores de renda mais alta, que inclui condomínios sofisticados e largas avenidas na região norte. Inveja, tem um campus avançado da Universidade Federal de Lavras, coisa que Franca nunca conseguiu graças ao descaso de Sidnei Rocha com a Educação. Enfim, o pequeno burgo onde nasceu meu amigo Mauro Memic tornou-se uma cidade média agradável de se viver que tenta fazer jus ao apelido, embora sinta falta de

instituições e atividades culturais permanentes. Pensando bem, esse é um problema bem maior nesse país, que afeta não apenas Paradise.

Mauro Ferreira é arquiteto